

## XAVIER MARQUES: INTÉRPRETE DA BAHIA NA VIRADA DO SÉCULO

Ms. Liliane Vasconcelos de Jesus (UFBA)<sup>1</sup>

**RESUMO:** *O presente trabalho analisa a representação da Cidade da Bahia nas narrativas **Uma família baiana** (1888) e **O feiticeiro** (1897) de Xavier Marques a partir de um arquivo de imagens e enunciados que tentam marcar uma diferença para a Bahia se comparada com o Sul do País. A Bahia, entre meados do século XIX e início do século XX, estava mergulhada em um declínio de poder, relativizado por questões econômicas e políticas diante do cenário dinâmico da economia brasileira. É nessa realidade que o grupo intelectual baiano, entre eles o escritor Xavier Marques, busca se articular no sentido de individualizar a Bahia no contexto nacional.*

**Palavras-chave:** Ficção baiana, Xavier Marques, Baianidade, Afro-descendência.

O processo de construção da representação da cidade da Bahia, difundido nos jornais do sul do país como a **velha mulata, preta quituteira, pequena África** só para citar alguns, é a contraface do processo modernizador pelo qual passava a cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. Essa depreciação advinha do aspecto colonial da cidade da Bahia no final do século XIX e início do século XX e, sobretudo, pela grande quantidade de negros nos espaços urbanos da cidade, motivo de vergonha para a intelectualidade local.

A Cidade da Bahia incorporava um processo de letargia quando comparada com a modernização econômica e urbana que acontecia na metrópole do país. Segundo Risério (2004, p. 491) “uma cidade que não exibisse, em sua própria configuração urbana, sinais claros de sua inserção no mais recente estágio sócio-técnico da história humana, seria vista como um organismo ultrapassado pelo curso evolutivo da civilização”. A Bahia, diante da dificuldade de obedecer a tais critérios, sofria a penalidade pelo seu atraso.

As obras de Xavier Marques estão marcadas por uma produção local que se distancia do centro de produção literária, o Rio de Janeiro da época. O escritor é definido como **homem regional**, no dizer de Pedro Calmon (1942, p.137) “que se limitava a ser fiel à Bahia aos seus costumes vestidos de tradição e harmonia”. A Bahia, segundo os críticos da época, está por inteiro na obra de Xavier Marques, a ponto de ser considerado por Afrânio Coutinho (1941, p.4) “como símbolo da alma baiana, talvez nenhum artista no Brasil – a não ser Machado de Assis para o meio carioca possua tanta afinidade com o seu povo a ponto de ser apontado com sua imagem total”. Sua produção abrange desde a paisagem da Cidade da Bahia e seu Recôncavo, descrevendo personagens pertencentes à classe alta e média urbana, como também, ainda que de forma enviesada, a presença de personagens de descendência africana, de vida praieira, e o ciclo de cana-de-açúcar na Bahia. Assim, sua obra pode ser lida como um projeto literário que contribui para interpretação da Bahia desde o final do século XIX até início do século XX.

A Bahia no final do século XIX – ou melhor, a intelectualidade da Bahia nesse período – sentia-se diferente por não acompanhar o ritmo de modernização que acontecia no sul, por ter no seu passado histórico a luta pela Independência do País, e por ter perdido o estatuto de capital para o Rio de Janeiro. Esses fatores históricos contribuem para a intelectualidade local se articular, no sentido de individualizar a Bahia no conjunto brasileiro de civilização, posicionamento que ressoará na narrativa de Xavier Marques.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia  
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística.  
lilivj@ig.com.br

A produção do escritor baiano reflete uma consciência das peculiaridades locais e uma vontade de marcar uma diferença num contexto nacional, a fim de criar dispositivos em torno dos quais a imagem da Bahia é representada no discurso nacional. Marques elabora e difunde, em sua produção, imagens de uma cidade que conserva em si uma riqueza cultural popular forte. O escritor traz para a cena literária uma Bahia enfatizada a partir de suas festas locais, a alegria do povo baiano, a cultura africana, enfim dispositivos que tentam superar um discurso discriminador de atraso. Desta forma, Xavier Marques representou nas suas narrativas um arquivo de imagens e enunciados sobre a Bahia, formulando uma certa idéia de identidade.

Atentando para o papel que a literatura desempenhava na construção do discurso de nacionalidade no século XIX, Xavier Marques traz para ficção baiana configurações de baianidade valorizando e exaltando os aspectos históricos e culturais que compõem a Bahia, contrapondo as suas imagens com o que se construiu sobre a Bahia no sul do País. Mas essa construção também se dá de forma problemática quando o escritor se refere à afro-descendência. O grande contingente de negros presentes na cidade da Bahia, nesse período, marca um diferencial, uma preocupação em representar a alteridade que alguns querem reprimir, já que as elites brasileiras se querem brancas e européias.

A narrativa *Uma família baiana*, publicada no ano da Abolição (1888), traduz uma representação do urbano que revela a velha Bahia a partir da sociabilidade da classe média e sua interação com o espaço da cidade. A visão de Marques em *Uma família baiana* parece trazer a tona os incômodos da elite local com o atraso pelo qual passava a cidade. A base do progresso que ocorria no sul do país servia de espelho para a Bahia, e a imagem que ela refletia no espelho era o da falta, do atraso e dos maus hábitos para uma sociedade que se queria moderna. O que se torna bastante visível a partir do comportamento do coronel Antunes que busca, a todo momento, ressaltar as coisas da Bahia a fim de esconder do visitante paulista Luciano os desencantos da cidade.

A cantora teve uma ovação, Luciano disse aos vizinhos:

– Nunca ouvi cantar tão bem uma modinha.

– O coronel accrescentou risonho:

– É bahiana... e basta.

(MARQUES, 1888, p.32)

Ao conferir essa exaltação ao baiano, o Coronel reforça a particularidade do dom de cantar da personagem. Essa competência de excepcionalidade marca um posicionamento, uma peculiaridade do que é **ser baiano**, uma exaltação que diferencia as pessoas que nascem na Bahia, estimulando todo um imaginário sobre o que é **ser baiano**, inclusive na atualidade, o que nos faz pensar que essa construção de discurso pode ter nascido de uma necessidade de demarcar, singularizar a Bahia no contexto nacional, no período em que Xavier Marques está escrevendo.

Já no romance *O feiticeiro*, publicado primeiramente em 1894 como *Boto e cia*, as nuances de baianidade são assim construídas por Marques, no discurso do personagem Boto:

Não posso, não posso separar-me desta mulata velha. Digam o que quiserem, é a primeira terra do Brasil. Não vou lá muito bem de negócios, é verdade; mas apesar dos pesares, para Corte só na hipótese (...) Viva a Bahia: isto que é terra onde se pode viver em paz o rico e o pobre. Viva a nossa Bahia. (MARQUES, 1975, p.113)

Xavier Marques, indo ao encontro das sensibilidades da época, e diante do isolamento pelo qual passava a Bahia, a forma de ler e pensar a Bahia passa por um processo de comparação com as cidades mais modernas do sul do país. Essa comparação, contudo, advém de uma identificação de atraso, o que faz o escritor reconhecer que tal atitude vai impor uma exaltação da cidade como forma de ressaltar uma diferença.

Segundo Roberto Albergaria (2001), a Bahia (baianidade) foi construída de fora para dentro e de cima para baixo. De fora para dentro, porque ela é uma imagem daquilo que foi o Rio de Janeiro no século passado. O Rio se tornou a metrópole, capital do Brasil, e a Bahia vai construir sua imagem, por oposição, representando o passado, a tradição, a negritude, as suas raízes. Nesse sentido, Xavier Marques pode ser visto como um dos constituidores do discurso de baianidade, exaltando o seu passado histórico, suas festas e tradições religiosas, construindo símbolos que constituem uma identidade assumida como baiana e caracterizada na narrativa por um sentimento de diferença com relação ao Rio de Janeiro.

A peculiaridade da Bahia nos revela a matriz orientadora dos valores que pautam o que é ser baiano na narrativa de Xavier Marques. Dessa forma, a Bahia foi pouco a pouco sendo interpretada em suas narrativas, a partir da sua cultura popular e do seu passado histórico, criando um imaginário compensatório para época em que a Bahia havia perdido o centro do poder e se reconhecia a partir das suas peculiaridades. Uma das formas de plasmar a baianidade para Xavier Marques se dá a partir das festas populares como forma de representar para a Bahia uma personificação do seu cotidiano, mesmo que muitas das festas descritas pelo escritor tragam na sua origem formas de celebração do colonizador.

A Festa de Reis foi assim descrita por Xavier Marques, na qual a família de Paulo Boto participava,

(...) Continuavam a passear em direção à Lapinha, com estugir de cantorias e exclamações jubilosas, no regozijo das passeatas e marchas, ao som de músicas, de castanhedos e pandeiros, ranchos de crioulas bamboleates, ufanos de seus chapéus de palha com recamo e laçaria de fitas, o rapazio do comércio, o mulatante de escaupins e arrecada, na lufa-lufa, de chegar, arrastando na pista, ao cheiro especial do seu almiscar, a malta de capadócios pernósticos a dizer facécias e a rir alto dos seus grosseiros dichotes. (MARQUES, 1975, p.73)

A família de Paulo Boto (núcleo de personagens centrais) saía do Terreiro de Jesus trajando roupas claras, costume da época, em direção ao palco da festa localizado na Lapinha. Durante a caminhada, eles podiam ver as pastoras – grupos de moças que se apresentavam com vestido branco, chapéu de palha enfeitado de fitas e seguravam nas mãos um pequeno pandeiro ou castanholas – e os pastores – trajados de roupas brancas, empunhando violão ou flauta, seguiam para a igreja da Lapinha. Durante o trajeto, eles dançavam e cantarolavam algumas canções, tal como descreve Xavier Marques:

Chegaram ao Pelourinho. Ai uma foliada rija, a toque de viola e pandeiros, dançava a Burrinha, feita de um panacu arreado de estofos brilhantes, enfiado na cintura de uma crioula que fingia guiar pelas rédeas de fita a cabeça do monstrengo. A roda palmejava, cantando:

*‘Minha burrinha entra pra dentro,  
Pra a chuva não te molhar,  
Que o selim é de veludo  
E a manta de tafetá’*

(MARQUES, 1975, p.74. Grifos do autor)

Nas festas, como afirma Xavier Marques, ricos e pobres, grandes e humildes, velhos e moças, pares e namorados, ranchos e mais ranchos seguiam até a Lapinha para adoração do Menino Jesus. Além das festas descritas por Marques como formar de marcar um discurso peculiar para a Bahia, o escritor também a representa a partir da valorização do seu passado histórico. Segundo Wlamyra Albuquerque(1999 p.35), “enaltecia-se um passado com feições míticas, tendo como marco as lutas pela Independência do Brasil na Bahia, em 1822-23” ou, como afirmou Jorge Amado(1966, p. 24),

a Bahia seguia “cultuando o passado e sonhando o futuro”. Era reafirmando o passado de glórias que a Bahia tentava readquirir o prestígio nacional e marcar sua singularidade no contexto nacional.

Em função desse processo, pode-se inferir a importância da produção literária de Xavier Marques nesse período. O escritor, que pertencia ao grupo de consórcios do IGHBA, também se empenhou na produção de resgatar o lugar privilegiado que a Bahia já possuiu um dia. A partir de suas narrativas percebe-se que Marques imprime uma imagem positiva da Bahia diante do cenário nacional, principalmente no que se refere à descrição de seus costumes, crenças e religiões.

O estigma de atraso da Cidade da Bahia, se comparada ao Rio de Janeiro, a modernização que não chegava, a idéia de **desordem** do cenário urbano, a intenção de um discurso que valorizasse a Bahia como primeira terra do Brasil e que destacasse seu passado histórico – todas essas singularidades estão presentes na produção de Marques. Assim, essa produção passa a ser vista, diante do cenário nacional, como mais um recurso de valorização da Bahia apesar dos ecos do racismo científico presente em suas obras, principalmente tendo em vista o tratamento dado ao negro e a sua cultura.

A representação da cidade da Bahia, valorizada pelos baianos a partir do seu passado histórico contrastava com a imagem depreciativa de a **velha mulata** difundida em jornais da metrópole do país. Segundo Lizir Alves (2000, p.53), “a mudança de **princesa** para **mulata velha** advém do despeito das belezas físicas da terra e da grandeza dos homens nascidos na cidade da Bahia”. A partir desse confronto, foram sendo despertadas em outras províncias as disputas políticas e culturais. Neste contexto, surge uma necessidade dos escritores baianos de estarem, de certa forma, louvando o passado histórico de sua cidade a fim de resgatar o prestígio perdido. A elite baiana vai trabalhar com a memória histórica na produção de um imaginário positivo que dê uma outra visibilidade à Bahia.

O discurso de Xavier Marques valorizar a primeira terra do Brasil, consolidando, através das comemorações ao Dois de Julho, o papel histórico da cidade do Salvador a fim de reforçar as recordações vitoriosas do passado tão diferentes do seu presente.

Era grande a marcha cívica a invadir o Terreiro.

Aos ares baços de poeira iam gritos de milhares de bocas saudando o Dois de Julho, reboando por sobre o carrilhão vibrante dos sinos, o rechinar de girândolas, o clangor das musicas marciais, a salva das fortalezas.

Entravam tirados pelos pulsos de populares, os faustosos carros, balançando em peanhas de ouro as estátuas dos dois formosos índios, a linda cabocla e o altivo caboclo, a despedir reflexos acobreados, empunhando a lança e a bandeira, em atitudes de vencedor, sacudindo as plumas do cocar em direção às colunas dos pórticos. (MARQUES, 1975, p.163)

Falar de Bahia pela elite baiana nesse período é mencionar um discurso que resgate (exalte) o passado histórico, a luta dos baianos pela independência do Brasil. É falar também das tradições populares, dos relatos festivos, do atraso pelo qual passava a Bahia, da grande quantidade de negros, da desordem em que se encontrava o espaço urbano. É mobilizar todas as imagens positivas e negativas que restabeleçam o estigma consagrado da Bahia, superando a perda do poder e ajudando a criar um discurso positivo da Bahia, marcando assim uma certa baianidade. Porém a construção do discurso de baianidade nas narrativas de Xavier Marques vem marcada pela estereotipia no que se refere à representação do negro. Por isso, possivelmente, não dá conta de definir a diversidade cultural que se encontra na cidade da Bahia.

Pautando-se no ideal de homogenização racial, a presença do africano no espaço urbano das cidades brasileiras era um elemento indesejado para sociedade que se queria moderna, daí a necessidade de desafricanizar o ambiente urbano. As bases de inspiração para esse processo advinham

dos ideais cientificistas<sup>2</sup>, pregados por uma parte da elite local, como modelo de análise social. Dessa forma, para se ter uma sociedade dita **civilizada**, existia a idéia de se ter na cidade a predominância de uma população não-negra. Diante desse contexto, o que fazer com a grande quantidade de negros predominantes na cidade da Bahia no final do século XIX? Representar a Bahia nessa conjuntura significava, para Xavier Marques superar a imagem de uma cidade obscena, retratada pelo atraso urbano e pela presença do corpo negro dito não-civilizado na cidade.

O escritor Xavier Marques, impulsionado pelo pensamento cientificista da época, não escapa de retratar o negro, em suas narrativas aqui analisadas, como categoria inferior, como elemento indesejado, visto como obstáculo à proposta de modernização do espaço urbano. Apontando sua pena para interpretar a Bahia desse período, o escritor não deixa de atribuir a desordem da cidade ao negro. É o que ocorre na descrição que Xavier Marques faz em *Uma família baiana*, quando o visitante paulista, Luciano, chega a cidade da Bahia:

Ao saltar no caes não se poudes furtar a certa repugnância, vendo-se cercado de grupos de creoulos e africanos que disputavam a mala teimosamente. A gente de cor, o negro com todas as suas variedades de cabras, fulos, e outros matizes, dominava na quantiosa turbamulta a ir e vir ao longo do caes. Pretos conduziam carroças, carregavam fardos, remavam nas embarcações: as quitandas de frutas e as vendas ambulantes pertenciam a negras bem tismadas e roliças que andavam atarefadas a regatear e vender as suas mercadorias; a maior parte dos compradores era gente preta. E em face de tanto preto o viajante deixou escapar esta interrogação admirada:

– Ter-se-hia mudado para aqui a África? (MARQUES, 1888, p.19)

Diante dessa comparação com a África, o narrador se comporta de forma inquieta e logo descreve como a beleza da cidade vista do mar **compensava** esse outro quadro. A paisagem social que se descortina no olhar do visitante paulista mostra o ambiente de desordem e repugnância, caracterizado pela grande quantidade de negros nesse espaço da cidade (Cidade Baixa). Para uma sociedade local que se queria moderna, ser comparada à África era remetê-la a um contexto de povo atrasado, selvagem, não-civilizado. Considerando que o ideal de civilização perseguido pela elite brasileira da época deveria estar em consonância com o ideal europeu, a Bahia, no olhar do viajante, se mostra bem distante do modelo buscado.

Quando se refere à descrição do negro, Xavier Marques desenvolve claramente um modelo exótico, racista na forma de representação. O modo como o escritor descreve a participação dos negros no carnaval da cidade deixa ver que a presença do afro-descendente no ambiente urbano extrapola todos os indícios de uma sociedade que sonha com a **civilização**. O corpo negro é um corpo obscuro, sinônimo de desordem, de falta de decoro e refinamento para o ambiente urbano. A intensificação do movimento do corpo negro e a liberdade corporal com que a cultura negra se comunica se chocam com a perspectiva de uma sociedade que buscava filiar-se à matriz burguesa-européia:

Depois disso, outra vez no Terreiro a mesma turba negrejante, os mesmos tocadores de atabaques, a mesma comparsaria movendo-se aos pulos, como praga de sapos, atroando os ares com vozeria de candomblé. (...) Espetáculo pungente, angustioso, desdobrou-se-lhe então aos olhos. A frente do rebanho louco- uma figura hedionda, uma africana monstruosa, de olhos de carbúnculo, com as mamas formidáveis em completa nudez, trazia às costas, atado à cintura por um pano de listra,

---

<sup>2</sup> Algumas correntes científicas invadiram as diversas áreas do pensamento brasileiro nesse período, como o darwinismo social, o positivismo, o evolucionismo, o monismo, a eugenia, conceitos que, tomando como método a comparação, estimularam a interpretação do pensamento brasileiro para elevar o país ao grande rol das nações modernas. No presente trabalho, daremos destaque à definição de raça (negra), que se converte numa justificativa para o atraso e a barbárie presentes na Cidade da Bahia interpretada por Xavier Marques.

um moleque retinto que apenas mostrava o focinho simiesco por baixo do sovaco da mulher monstro, quando ela erguia o braço armado de vergasta e vergastava, compassadamente, implacavelmente. (MARQUES, 1975, p.123-124)

A representação do negro, como um animal não-adaptado à sociedade, pode ser atestada a partir da seleção lexical que o autor utiliza para apresentar o corpo negro à classe média. São exemplos termos como **ancas, mamas têmeulas, narinas largas, beijo arreganhado, focinheira**, entre outros. Trata-se de um vocabulário que tende sempre a depreciar a imagem do negro.

A forma de comportamento social representada pelos negros que Marques descreve marca fortemente a construção de um imaginário que liga o afro-descendente à idéia de desordem e incivilidade no ambiente urbano. A dinâmica negra que o escritor baiano representa em suas narrativas está dissociada da contenção, da ordem, do comportamento comedido dos corpos que sugerem uma convivência dita **civilizada** no ambiente público.

Nessa ocasião aproximavam-se alguns soldados de cavalaria, a galope. Imediatamente o Manoel bateu uma das folhas da porta, o tamanqueiro imitou-o; começaram a fechar-se outras lojas do quarteirão. Ganhadores, carroceiros e capadócios reuniram-se aqui e ali, a grulhar e a soltar gritos; no mercado e nos cais aumentava o borbórinho; o comércio pacato e cauteloso espreitava o movimento, com desconfiança, receiando um fecha-fecha. (MARQUES, 1975, p.65)

Dessa forma, a Cidade da Bahia representada nas narrativas de Xavier Marques agrega uma dualidade de mundos que destina ao branco a idéia de ordem, de civilização e de progresso, enquanto ao negro a idéia de desordem, incivilidade e atraso. O negro representa para Bahia o desencanto, o indesejado, um dos responsáveis pela falta, pelo atraso da modernização do espaço urbano baiano. A definição de cidade utilizada por Marques remete ao conceito de uma cidade atrasada com ares coloniais que se quer “moderna”, porém o entrave para esse processo de modernização está no grande contingente de negros presentes na cidade. Se a dinâmica da civilização está baseada na cidade, berço do aprendizado, das boas maneiras, do bom gosto e da sofisticação, o negro representa para a Cidade da Bahia o barbarismo social, nesse período, ele é o elemento da desordem da barbárie, rasurando o projeto de modernidade que era tornar o País uma **possível Europa** – a presença do negro não tem lugar nessa cidade moderna idealizada.

Diante dessa situação, o escritor constrói um discurso para representar a Cidade da Bahia, valorizando o seu passado histórico, suas festas populares, suas tradições religiosas a fim de trabalhar esquecimentos de uma Bahia atrasada e velha, configurando assim em um discurso que marcou uma baianidade nesse período, ordenado, principalmente, de fora para dentro, um dilema identitário que assegurou à Bahia marcar uma personalidade no contexto nacional.

### **Referências Bibliográficas**

[1] ALBERGARIA, Roberto. Entrevista concedida à 53ª **SBPC Cultural**. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2001.

[2]ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. **Algazaras nas ruas**: comemorações da independência na Bahia (1889 - 1923). São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.

[3]ALVES, Lizir Arcanjo. A cidade da Bahia em verso e prosa. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, n.95: Salvador, 2000.

[4]AMADO, Jorge. **Bahia de todos os santos**. Bahia: Livraria Martins, 1966.

[5]CALMON, Pedro. Discurso do senhor Pedro Calmon. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. 1942, p.137.

[6]COUTINHO. Afrânio. Xavier Marques símbolo da alma baiana. **A tarde**. Salvador. 3 Dez. 1941,p. 4.

[7]MARQUES, XAVIER. **O feiticeiro**. São Paulo: INL, 1975.

[8]MARQUES, Xavier. **Uma família baiana**. Bahia: Imprensa Popular, 1888.

[9]RISÉRIO, Antonio. **Uma história da cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.